

# SALITRE

## DANIELLE SOUSA

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2023*

# 1.

**2015**

Costa Branca tem trinta mil habitantes. Uma mistura de praia com interior, enterrada no meio de um delta, rodeada pela secura do cloreto de sódio e castigada por um calor abrasivo. Viveu períodos melhores: gente e dinheiro circulando em um passado não muito distante, mas hoje, decadente, sofre um esvaziamento que a deixa com essa atmosfera mofada de um passado malconservado.

Trago comigo esse livro de bolso. Edição patrocinada pela prefeitura e escrita em uma linguagem escolar que revela, resumidamente, histórias e imagens desse passado. Comprei o exemplar no restaurante à beira da BR. Estava em uma prateleira perto da caixa registradora junto a um punhado de outros livros sobre a história da cidade escritos por ilustres cidadãos do município, disputando espaço com chaveiros e ímãs de geladeira que remetem ao sal da cidade.

Com o livro aberto no colo, brinco de tentar encontrar alguma similaridade entre as fotos antigas e a paisagem atual enquanto a Mari dirige. O tempo castigou Costa Branca: as

ruas antes mais limpas e arejadas parecem, agora, afuniladas e soturnas. Depósito de carros mal estacionados. Calçadas quebradas. Esgoto. O sinal de trânsito é na encruzilhada. Vamos a quarenta por hora.

Apreendi, depois, que os moradores só se espalham pelas ruas quando o sol esfria, às quatro da tarde. Pequenas reuniões nas portas das casas e todos estão muito desconfiados da movimentação de gente de fora que já dura duas semanas. Um fluxo insistente de jornalistas entra e sai das duas únicas pousadas da cidade e enchem os restaurantes estilo PF.

A estrada até o distrito onde está localizada a escola das freiras abre uma paisagem desconhecida para mim: o mar, de tão salgado, quase morto, solta espuma espessa que, arrastada pelo vento, alcança o carro.

Ao longo do percurso vejo os tanques com as dunas de sal projetados gigantes em direção ao céu.

Não sei nada sobre a colheita.

\*

No rebuliço pouco discreto que se acumula ao redor do internato (vejo quatro carros, um da polícia, uma van para link ao vivo e um punhado de repórteres), perco de vista minha amiga fotógrafa. Há uma espécie de fila desorganizada para receber instruções de uma freira com cara de poucos amigos. Me meto no meio do tumulto. A freira anota alguma coisa, está suando por baixo do hábito. Me vê, aponta para mim, pergunta meu nome, respondo. Recebo seu sorriso discreto enquanto acena para alguém invisível do outro lado do

portão que abre. Grito pela Mari, ela corre para me alcançar e entramos, as três, sob os olhares surpresos dos que ficam do lado de fora.

O escritório da Madre Diretora é pequeno. Simples e austero como previa. Prateleiras de livros, um quadro com a Virgem Maria que parece ter sido pintada sob influência bizantina, uma mesa de madeira de lei, alguns papéis bem-organizados e três cadeiras compõem a sala. Estamos meio desorientadas. À esquerda, a janela aberta faz caminho para o vento de Costa Branca entrar num sobejo de quentura. Meus ouvidos começam a zunir.

A madre entra e faz um gesto para que não nos levantemos e se senta, ela própria, na cadeira à nossa frente. Tento começar a conversa, mas ela é mais rápida e nos dá boas-vindas. Percebo seu tom lamentoso. Seus olhos grandes. Seu rosto pequeno. Sua surpreendente juventude emoldurada pelo véu.

Posso gravar nossa conversa?

Não.

Então tiro da bolsa meu bloco de anotações. Começo pedindo que ela me conte a origem da escola, como e onde tudo começou, mas por puro protocolo: já possuo uma vasta pesquisa sobre os Internatos da Ordem de Maria que se espalharam desde o século XIX em regiões pobres da América, como aqui. Ela diz:

Estamos em Costa Branca há mais de sete décadas.

Finjo um ponto final no papel.

E há quanto tempo a escola vem passando por isso?

A mãe responde que há um ano quando uma das alunas sentiu os primeiros sintomas.

Quais?

Dores. Nosso time de futebol é o melhor da região. Ganham o último campeonato das escolas do estado. A aluna é a zagueira do nosso time, achei que seu mal-estar tivesse relação com isso: esforço físico. Mas um dia, no meio da oração da manhã, ela caiu, como se tivesse perdido qualquer sustentação. Não conseguiu mais se levantar da cama, esqueceu palavras, parou de falar. Desenrolou-se um pânico e, agora, estamos aqui.

Fecha os olhos como se tentasse, ao máximo, lembrar cada pedaço desses últimos meses: A cada semana, mais umas tantas estudantes também doentes. Uma meia dúzia delas, depois o dobro, depois o dobro desse. Cogitamos a água, e se estivéssemos sendo envenenadas? Podia ser mofo, comida estragada, pode acontecer, percebe?

Ouvi falar pela primeira vez do caso em uma reportagem do jornal da noite. Filmavam o portão fechado do internato enquanto uma voz em *off* dizia que a gestão da escola não havia permitido a entrada de jornalistas. Alguns pais e mães foram procurados: nenhum deles sabia (ou queria) informar o que estava acontecendo, apesar de deixarem evidente que confiavam nas freiras porque era melhor cuidarem das meninas na escola que tem mais condições do que nós aqui, sem nada, e enquanto a reportagem prosseguia, meus olhos procuravam reconhecer o interior do meu estado que há anos não via: o terroso do chão em contraste com o quase inacreditável azul do céu.

Voltar para o Rio Grande do Norte não seria qualquer odisseia, pensei. Por isto, liguei para a editora do meu jornal, insisti na ideia de uma reportagem investigativa sobre o caso até receber o aval, talvez porque ela deva a mim alguns prêmios pendurados na parede de sua sala. Decidi ir até Costa Branca naquela mesma semana.

Me esforço em continuar a conversa, mas a madre, de repente, é um poço de monossílabos. Por hoje sua vontade em contar o que acontece por aqui, desaparece.

Minha amiga fotógrafa aproveita nossa intermissão pedindo, por gentileza, que ela pose para uma foto perto da Virgem. Me afasto da mesa, minha amiga sugere à madre chegar um pouco mais para a direita. Suponho algo de enquadramento, luz, técnicas que me fogem e me pego olhando o escritório com mais atenção, a foto da formatura de 1977 está lá e sinto, de imediato, minha mandíbula enrijecer:

*no fate, for you are my fate, my sweet.*

cummings na voz dela. Enlouqueço. Um choro preso onde sangra meu coração. Mas é preciso se concentrar no agora: então, conto as várias edições da *Autobiografia de Santa Tereza D'Ávila* espalhadas em uma das prateleiras; um exemplar de *A Cidade das Mulheres* e uma versão do tratado botânico de Hildegard.

Vejo, também, um livro sobre Clara de Assis e me detenho. Sou Clara, Clara de Assis também é.

Tenho essa lembrança de quando na Igreja as crianças me chamavam de Clarissa. Igreja Católica, primeira comunhão,

a água benta respingando no olho, a bunda dolorida no banco de madeira e, no meio da missa, a vontade de ir para casa assistir aos programas de fim de domingo. Meu pai tinha escolhido meu nome, realmente, por causa dela, Santa Clara, a santa que defende a cidade de Assis dos sarracenos apenas com um ostensório.

Lembro de Clara, uma outra, revelando para mim, dentro daquela lanchonete que vendia um mate adocicado demais, o estupro.

Há anos essas memórias não me vinham.

A mãe me tira dessa ausência e oferece um dos exemplares, mas não um daqueles em latim, com capas duras, antigas, charmosamente carcomidas pelo tempo. Não é religioso. É o meu livro. O livro de Diana, a Caçadora. O que me abriu o portão do internato, me colocou sentada neste escritório-cela. Livro que me trouxe críticos e admiradores. E do qual tento fugir constantemente para sempre falhar.

Ela pergunta se eu me importaria em autografar, não em seu nome, mas em nome de todas as meninas da escola. Em nome do Internato. Queimo de vergonha enquanto deixo a assinatura na folha de guarda em uma letra ilegível.

Não posso negar que o li mais de uma vez.

• • •

É uma bricolagem de sertanejo, brega e calypso vinda do lado de fora do quarto da pousada.

É ensurdecidor.

Me sinto inerte.

Quando criança, lembro, minha volta às aulas era antecedida por manhãs deitada na cama olhando cada centímetro do teto como se buscasse uma resposta.

O teto da pousada é de gesso barato e ligo o ar-condicionado que zune como se tivesse duas ou três peças soltas. Minhas botas apertam.

Respondo mensagens de trabalho e adormeço no meio de uma palavra para, só depois, tomar banho e trocar de roupa. Engolir uns remédios. O sono fora de hora aumentou minha cara de cansaço e quando desço encontro o rapaz da recepção meio dormindo em frente à tevê ligada. Pergunto se por essas horas tem algum lugar aberto que se possa comer. Só se for no cachorro-quente e aponta o caminho.

Percebo:

As ruas da cidade, tarde da noite, são ocupadas apenas pelos gatos e cachorros. Eles estão em todos os lugares: farejando comida nos lixos, dormindo nas calhas das casas, brigando nas esquinas ou simplesmente andando a esmo e nesta noite de lua quase ninguém nas cadeiras de plástico que margeiam, desorganizadamente, o trailer do cachorro-quente. Peço um com refrigerante. Foi só começar a comer e a fome sumiu. Isso tem acontecido comigo em uma frequência cada vez mais constante; sinto a comida teimar em não descer, teimar em frear antes da glote, um bolo de massa mastigada preso no meio da garganta, e começo a ter esse pensamento de que vou me engasgar com a carne moída.

• • •





**Auroras** é um selo da editora Penalux dedicado exclusivamente  
à publicação de mulheres.

**E-MAIL**

[auroras@editorapenalux.com.br](mailto:auroras@editorapenalux.com.br)

**INSTAGRAM**

[@seloauroras](https://www.instagram.com/seloauroras)

# LIVROS ILUMINAM

*Salitre,*  
escrito de mulher da  
Revolução Literária.  
4ª temporada Auroras

---

Este livro foi composto em Utopia Std pela  
Editora Penalux e impresso em papel off-  
white 80 g/m<sup>2</sup>, em outubro de 2023.

---